

## **JUVENTUDE, EXCLUSÃO E EDUCAÇÃO**

Este trabalho é fruto de entrevistas realizadas com jovens entre 15 e 22 anos de idade, participantes de cursos de educação de jovens e adultos (supletivo e regular noturno) das redes públicas de ensino da cidade do Rio de Janeiro, em 1999. Ou seja, são jovens excluídos do ensino fundamental na idade própria, que vivem em situação de pobreza e que tentam recuperar sua escolaridade.

A partir de um estudo que pretendia avaliar a participação desses jovens em cursos de capacitação profissional do Programa Comunidade Solidária, buscou-se conhecer um pouco mais essa juventude - ou, como alerta Marília Spósito, “essas juventudes” - e como ela vem transitando numa sociedade marcada por valores e hábitos em transformação, exigindo novas alternativas educacionais relacionadas aos campos da educação, da cultura e do trabalho.

Deve-se destacar entretanto, que esta é uma primeira reflexão, a ser aprofundada junto ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

### **Juventude e exclusão**

O contrato social, expressão da modernidade, que pretendia incluir os sujeitos na sociedade e que ganhou força no chamado Estado da Providência, Estado do Bem-Estar, do estilo Keynesiano (Marilena Chauí//1997), dá lugar a contratos que criam estratégias muito mais voltadas a atender à *exclusão* do que à inclusão. De modo aparentemente banal, podemos afirmar que, no atual modelo, a inclusão é cada vez mais limitada. Assim, a opção do modelo econômico e político globalizado é considerar que a miséria do mundo é inevitável, naturalizada, incorporada ao cotidiano, devendo, portanto, ser pensada e respondida sob a ótica da *exclusão*. Nesse sentido, são traçadas inúmeras políticas sociais compensatórias, assistenciais e de controle, que “correm o risco de se tornarem apenas um “pronto socorro social”, na tentativa de reparar as fraturas, sem intervir nos processos que produzem tais situações.

As ações de inserção são essencialmente operações de reposição para preparar dias melhores, porém a avaliação das políticas para os excluídos de caráter provisório se tornou um regime permanente, as medidas tomadas para lutar contra a *exclusão* tomam lugar das políticas sociais mais gerais” (Castel, 1997).

A convocação de novos atores no cenário das políticas públicas, como as organizações não governamentais ou a chamada sociedade civil, cuja parceria com o poder público vem sendo apontada como um dos caminhos de solução para o estabelecimento de novas regulações sociais, mostra-se como um novo fenômeno a ser analisado de forma bastante cuidadosa.

O movimento de impedimento da entrada dos jovens no contrato social, associado ao desemprego estrutural, provoca uma das mais perversas desestruturações. A juventude, enquanto é excluída da esfera da educação e do emprego, é extremamente seduzida pelo consumo, que cada vez mais descobre nesse segmento um grande filão.

Uma definição bastante plausível para a compreensão da exclusão social é o impedimento ou a dificuldade de acesso aos direitos da cidadania, como a igualdade perante a lei e as instituições públicas e o acesso às oportunidades sociais - escola, trabalho, cultura, lazer, comunicação etc. Tais questões destacam-se, prioritariamente, na realidade das grandes metrópoles. É também importante atentar para a dimensão simbólica do processo de exclusão, conforme afirma Bourdieu (1998), ressaltando o papel desempenhado de forma perversa pelos meios de comunicação.

Santos (1995) amplia o significado, advertindo para as diferenças entre desigualdade e exclusão: “Se a desigualdade é um fenômeno socio-econômico, a exclusão é, sobretudo, um fenômeno cultural e social, um fenômeno de civilização. Trata-se de um processo histórico através do qual uma cultura, por meio de um discurso de verdade, cria a interdição e a rejeita... O sistema de desigualdade se assenta, paradoxalmente, no caráter essencial da igualdade; o sistema de exclusão se assenta no caráter essencial da diferença... O grau

máximo da exclusão é o extermínio; o grau externo da desigualdade é a escravidão.”

Segundo Manuel Castells (1998), o conceito foi construído por instituições formuladoras de Políticas Sociais da Comissão da União Européia e adotado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). O relatório da Comissão Européia refere-se à *exclusão* como “as restrições aos direitos do cidadão a um certo padrão básico de qualidade de vida e da participação nas oportunidades sociais e ocupacionais da sociedade.”

Para Robert Castel (1997), a *exclusão* vem se impondo “para definir todas as modalidades de miséria do mundo: o desempregado de longa duração, o jovem da periferia, o sem domicílio fixo... a questão da *exclusão* torna-se a questão social por excelência”. Tal deferência ao termo, segundo o autor, vem sendo utilizada por diferentes forças políticas, da direita à esquerda, o que nos alerta para o uso impreciso, “sintomático”, que pode ocultar a especificidade de cada situação. Coloca, ainda, que os traços constitutivos essenciais das situações de *exclusão* não se encontram nas situações em si mesmas, mas nas transformações recentes das regras do jogo social e econômico que as marginalizou. O autor lembra ainda que falar em termos de *exclusão* “é rotular com uma qualificação puramente negativa que designa a falta, sem dizer no que ela consiste nem de onde provém”.

Tal reflexão nos faz pensar que tanto *exclusão* como *juventude* não são termos dados, mas construídos socialmente e, portanto, manipulados e manipuláveis. Bourdieu (1983) alerta para o perigo de se falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar tais interesses a uma idade definida biologicamente. Esta abordagem já constituiria, em si mesma, uma manipulação evidente.

Com essas preocupações, utilizamos o termo para tentar compreender esse grupo de jovens de escolarização precária em busca de emprego, tentando conhecer seu perfil próprio e em que redes de sociabilidade estão *incluídos*.

Entender a produção de novas identidades e de novos pertencimentos é de fundamental importância no campo da educação, considerando, principalmente, que a exclusão social é um processo e não uma condição.

Segundo Alberto Brusa (1998), no início dos anos 90 a população da América Latina chegava a 430 milhões de pessoas, das quais 86 milhões jovens entre 15 e 24 anos. No Brasil, dados apresentados por Marília Spósito (1998) revelam que existem 32 milhões de jovens (1998), com enormes diferenças quanto às condições de vida, desde as relativas ao acesso aos sistemas de ensino àquelas afetas ao mundo do trabalho. Em 1995, 7,2% dos jovens entre 15 e 24 anos não possuíam instrução e 14,4 eram considerados analfabetos funcionais, ou seja, com menos de três anos de estudo. O PNAD de 1995 aponta que 59% de 28,7 milhões de jovens no Brasil não estavam freqüentando a escola naquele momento. A chamada *exclusão*, no campo da educação, é analisada por Spósito (1998) pela impossibilidade de freqüentar a escola na idade própria e pelos “perversos mecanismos intra/extra-escolares, como as distorções idade e série e os baixos níveis de conclusão da educação obrigatória (apenas 24,8% têm escolaridade equivalente ao ensino fundamental e mais)”. Bourdieu (1983) chama a atenção, ainda, para a desvalorização social que ocorre na educação das camadas populares: “devido ao fato de que os títulos sempre valem o que valem seus detentores, um título que se torna mais freqüente torna-se por isso mesmo desvalorizado, mas perde ainda mais seu valor por se tornar acessível a pessoas sem *valor social*”.

A área da EJA, no Brasil, é expressão explícita do modelo político e econômico anteriormente abordado: o atendimento se dá de forma diversificada e descontínua, cada vez mais fora do sistema público de ensino e fortemente vinculado a programas da área do trabalho, via projetos de caráter compensatório, como é o caso do Programa de Alfabetização Solidária, que, apesar de estar diretamente vinculado à Presidência da República, é desenvolvido pela Comunidade Solidária, constituída como ong em parceria com o empresariado. Podemos destacar, ainda, projetos vinculados a ongs e

movimentos sociais, com forte tradição na área de educação popular.

Cabe lembrar que é a escola pública noturna, através de seu supletivo e regular noturno, receptora de parcela significativa das matrículas de 1º e 2º graus dos sistemas estaduais e municipais do país, a maioria absoluta constituindo-se de segmentos juvenis empobrecidos, com idade situada principalmente na faixa de 15 a 24 anos. Embora vislumbrem no acesso à escola as ferramentas necessárias para a inclusão nas escassas oportunidades do mercado de trabalho e para a aquisição de capital cultural, acabam por estabelecer com ela um processo perverso, contraditório, que se traduz de várias formas, tanto na violência quanto no aparente desprezo. (Spósito, 1998)

### **Quem são e o que pensam esses jovens**

Em seis encontros coletivos, foram entrevistados 30 jovens de periferia do Rio de Janeiro, entre março e junho de 1999. Os jovens foram selecionados por terem participado ou estarem participando de cursos de educação de jovens e adultos e terem sido ex-alunos do Programa Capacitação de Jovens da Comunidade Solidária.

- ***Situação familiar:***

Dos 30 jovens participantes, apenas um não mora com os pais. Os demais vivem com pais e irmãos, sendo que dois homens e uma mulher têm filhos, embora apenas um deles seja casado oficialmente. O que não mora com os pais reside com a mulher e dois filhos. A maioria dos jovens vive com a ajuda financeira da família, e é importante ressaltar que 17 afirmaram estarem o pai e/ou a mãe desempregados. Na maioria dos casos, apenas um membro da família tem emprego. Somente um dos jovens declarou que toda a família - mãe, padrasto e irmã - estava trabalhando. Constatou-se, também, um número significativo de jovens que têm a mãe como chefe de família, atuando principalmente como empregada doméstica ou diarista. As famílias aumentam sua renda através de trabalhos temporários, os chamados "bicos", sendo mais recorrente as seguintes ocupações: carregador, ajudante de pedreiro, ajudante

de eletricista, serviços gerais e de limpeza. As famílias exercem um peso grande na vida desses jovens. Nas diversas falas, é comum referenciar valores e exemplos dos pais, como citado “os pais sempre alertam para não confiar nos outros, não mentir...”.

- ***Ser jovem:***

Quando perguntados sobre o que é ser jovem na atualidade, os entrevistados referem-se, sempre, às questões do desemprego e da violência, como se pode observar nos relatos a seguir:

“Eu me sinto apavorado, porque tem muitos problemas que não é só do Rio de Janeiro, como desemprego e violência. Apavorado porque não me sinto capaz de fazer nada para melhorar.”.

“Ser jovem, hoje, é tipo um desafio, porque você tem muitos caminhos a seguir, depende muito da sua formação e da comunidade que você vive. Eu acho que escolhi o caminho certo, porque escolhi com a minha consciência e não com a cabeça dos outros.”.

A diferença entre ser jovem na época dos pais e na atualidade é profundamente marcada pela questão do emprego. A maioria reconhece a empregabilidade como a grande diferença, algo que havia no passado e que não existe mais. Entretanto, é bem forte a referência à liberdade individual. Colocam como muito positiva a possibilidade de poderem ir a festas, namorarem sem precisar de permissão da família.

“Jovem, na época dos meus pais, tinha mais emprego.”

“Eu acho que, naquela época, era tudo mais difícil, não tinha liberdade, tinha muita discriminação. Os jovens não podiam sair de casa, era tudo muito controlado, tudo era feio, tudo era proibido. Agora não é mais assim, o grande problema é a violência e as drogas.”.

- ***Diversão:***

Com relação às formas de diversão dos jovens, percebe-se uma significativa ausência de atividades culturais (cinema, teatro, museus etc.). A diversão restringe-se, geralmente, à localidade em que moram, muito em razão da

limitação financeira e da falta de oportunidades. Entre as opções de diversão que apareceram com frequência estão: jogar bola, ir a festas em casas de amigos e parentes (“porque a gente come e bebe de graça”), ir ao “pagode” e jogar baralho. Quando questionados sobre como conseguem dinheiro para, por exemplo, ir a um pagode, apresentam duas alternativas: ou a família paga ou fazem um “bico” para poder sair no final de semana.

- **Educação:**

A questão da educação é considerada importante enquanto valor social. Entretanto, no cotidiano, percebe-se um descrédito grande na possibilidade de melhoria de vida a partir desse “esforço”. Também não reconhecem a baixa escolaridade, ou a escolaridade desqualificada, como um dos fatores de *exclusão* em que vivem. Relacionam sempre a permanência na escola com a possibilidade de “arrumar” emprego. A educação é a base de tudo para arrumar emprego, para educar um filho ou um irmão mais novo, serve para botar a gente pra frente.”.

“A educação aqui no Brasil tá muito fraca, atrasada. Hoje, a educação devia ser informação e oportunidades.”.

“Acho que vale mais ter curso do que o 2º grau; mesmo o segundo grau técnico não vale nada.”.

"Eu acho que a única coisa que a gente precisa da escola é o português e a matemática; história e geografia não têm importância para o trabalho. A escola devia ensinar português, matemática e inglês. E também informática. Isso é que importa pra conseguir um emprego.".

“Eu fiz o segundo grau de contabilidade, foi o maior esforço, mas consegui. Aí fui procurar emprego na área. Acabei lá no aeroporto, carregando peso, muito peso. É isso que faço hoje, carrego muita carga e bagagem de passageiros. Ganho um salário e meio, mas tenho carteira assinada.”.

“Eu não sou chegado à escola, prefiro fazer cursos. Porque você estuda, estuda e chega num trabalho e eles querem experiência. O negócio é trabalhar para conseguir experiência de um ano na carteira para poder

conseguir emprego. Agora, todo mundo é substituído por máquinas.”.

“Eu já tentei o vestibular três anos e não passo. Agora, estou frequentando o curso de pré-vestibular para as populações negras e pobres. A gente não paga nada, mas tem que se dedicar, se não é desligado do curso.”.

“Fazer faculdade só é importante pra alcançar um nível, uma posição, só pra dizer ‘eu fiz faculdade’, porque ,emprego mesmo, duvido que eles vão preferir um pobre do que um rico que fez o mesmo curso.”.

Apenas uma jovem com forte militância em grupo de igreja abordou a formação escolar mais ampla como importante:

"Eu acho que as outras matérias são importantes porque a gente pode conversar com outras pessoas. Olhar um prédio e saber o que ele foi na história."

Solicitou-se que os entrevistados discutissem sobre a frase "somente os que estudam têm alguma chance na vida". A proposta gerou grande polêmica e longa discussão. Percebe-se uma descrença violenta nos caminhos tradicionais de ascensão social, como a escola. Quase todos apontaram como possibilidade de “vencer na vida” aspectos como contato, conhecimento, relações, classe social:

“Discordo muito, precisamos é de contato.”.

“Eu acho errado, eu tenho só o segundo grau e tenho o meu trabalho, acho que tudo hoje é questão de sorte. Eu sou auxiliar administrativo e só com o segundo grau. Tenho até carteira assinada.”.

"Eu acho que é sorte, porque tem muita gente com faculdade que não arruma trabalho.”.

"Eu acho que tudo é Q.I., quem indica. Se você tem conhecimento, pode arrumar alguma coisa."

"Eu acho que tem que estudar, não é o grau de escolaridade, mas o que você faz com o seu grau de escolaridade. Não é passar na prova, mas é aprender mesmo.”.

"Pra mim, todas as escolas são iguais, particular ou não, o que depende é a



sua força de vontade. A escola pública, como não é paga, ninguém dá valor; o particular, como você tá pagando, dá valor."

"Eu acho que existe muito diferença, a base escolar é muito diferente. Por exemplo, se você estuda no São Bento, no São Martinho, nessas escolas, você já tá dentro de uma faculdade. Pode até ser que você consiga, mas é muito difícil. Vai lá na UERJ, na PUC, só tem carrão, só tem gente com grana. As chances são diferentes."

"Hoje a gente vive num mundo muito maluco, os pais da gente não tiveram possibilidade de estudo, mas tiveram trabalho, e a gente, que tem estudo, que tá se virando pra estudar, não tem trabalho. O filho da patroa da minha mãe é advogado, todo bacana, e não consegue trabalho. Minha mãe falou que o cara fica em casa o dia inteiro fazendo currículo. E aí, que a gente pode fazer?"

"O estudo pode servir para você progredir dentro do emprego, mas não para arrumar emprego."

Todos os jovens já passaram pela escola mais de uma vez, ou seja, repetem, abandonam e retornam posteriormente, de preferência para o ensino noturno, com a esperança de conseguir trabalho. Já não se sentem à vontade na escola regular diurna, um espaço reconhecidamente infantil. Outro aspecto levantado é que, ao mesmo tempo em que criticam a educação dirigida às classes populares, fazem uma tentativa de valorizá-la, assumindo a sua defesa e justificando as próprias críticas. Afinal, é a educação que eles podem ter:

"Eu acho que a escola pública tem muitas dificuldades. Ela não tem verba. Você faz a prova, acha que se deu bem e não passa numa prova, num vestibular."

"Também tem muito colégio particular que é só 'pagou, passou'. A escola pública, 'não estudou, não passou'. Na verdade, você tem que estudar, você tem que se cobrar, depende de você. Hoje, tudo é máquina, o raciocínio é a diferença."

- **Trabalho:**

Praticamente todos têm algum trabalho, que chamam de “bico”. Fazem salgadinhos, ajudam algum parente ou vizinho como pedreiros, carregadores, distribuem panfletos nas ruas. Durante todas as discussões travadas nos grupos, a questão do trabalho esteve presente, sinalizando ser esse o maior problema enfrentado, hoje, pelos jovens.

“Eu sou auxiliar administrativa. Eu sempre trabalhei como temporária. Pintou aí uma oportunidade de ficar com um trabalho mais sólido e estou muito, muito, muito feliz, com carteira assinada, *ticket* refeição e plano de saúde.”

"Eu era assistente dentário. Aí, pelo esforço que eu fiz, fui promovido a técnico, técnico de manutenção. Eu fiz o curso e, de lá, fui fazer estágio e, depois, me chamaram pra trabalhar lá.”.

" Eu trabalho no parque aquático. Quem me indicou foi a Dona Angélica, onde fiz o curso profissionalizante do Comunidade Solidária. Eu fiz o curso de garçom e garçonete. Fui pro parque aquático trabalhar na lanchonete, mas era muita loucura. Daí passei para apoio das piscinas. Tomar conta do pessoal na piscina, empurrar quem encalha. Mas eu não tenho carteira assinada, eu recebo por hora e trabalho sábado, domingo, feriado.”.

Quem não trabalha arruma dinheiro com os pais, parentes, através de “bicos”: ajuda um tio ou um vizinho a levar garrafas, levantar uma parede ou outra coisa qualquer e consegue alguns trocados. Questionados sobre como conseguem trabalho, apontam que é através de jornais, parentes, amigos e, segundo muitos deles, professores. Entre as maiores dificuldades para a obtenção de emprego estão a idade (no caso dos menores de 18 anos), grau de escolaridade e experiência:

"Somos jovens, eles querem experiência na carteira e ninguém quer assinar a carteira. Assim, a gente tá fora sempre. Só na sorte é que a coisa vai.”.

“Eles dão preferência para pessoas entre 21 e 30 anos. Antes disso não dá, a gente vê a cara dos caras: quando a gente chega e eles perguntam a idade, a gente saca logo que dançou.”.

A possibilidade de trabalho é bastante relacionada, também, com práticas clientelistas, de favorecimento, que marcam fortemente a nossa sociedade:

“Hoje em dia, até Q.I. tá difícil. Procuo pelo jornal, pergunto às pessoas, amigos, parentes. Vou nos lugares, filas, filas, filas. A gente preenche um monte de ficha e nunca chamam a gente. Agora, se você tem um pistolão, tudo fica mais fácil na vida.”.


“O negócio é conhecer um político, um desses bacanas. Você diz que vai votar nele e pede emprego.”.

Apesar dessa última afirmação, todos negaram ter experimentado essa prática, criticando-a de forma veemente. O valor do trabalho aparece sempre relacionado à questão financeira (“trabalho é dinheiro”) ou a uma questão ética incorporada no discurso social (“o trabalho dignifica o homem”; “só através do trabalho é que você pode ser alguém”). Um aspecto bastante presente é o interesse pela carreira militar, vista como única possibilidade de ascensão social e de estabilidade. Impressionam-se, ainda, com a posição que os militares ocupam em nossa sociedade:

“Eles estão além do bem e do mal.”.

“Eles é que mandam no Brasil. Vê se o Fernando Henrique faz alguma coisa com eles... são os únicos que têm aumento de salário, tudo. Vivem numa boa.”.

"Eu quero ser militar, porque o governo mexe com o salário de todo mundo, menos no dos militares. Eu quero seguir carreira militar. Onde é que você vai ganhar um salário de mil e cinquenta reais, com o primeiro grau? Só como milico. O governo não tem coragem de mexer com eles. Eu penso assim."

Os que têm trabalho fixo ganham na faixa de um a dois e meio salários mínimos. Vários citaram a cadeia de lanchonetes *MacDonald*  como exemplo de dar oportunidade para quem não tem experiência. No que tange à participação em entrevistas para concorrer a um emprego, é sempre vista como uma situação de extremo constrangimento, sendo apontadas situações de

discriminação:

“A aparência conta muito. A pessoa tem que ser bonita, não pode ser preta nem velha.”.

“Uma vez, eu fiz um ‘bico’ de recepcionista, e eles proibiam as meninas de irem a praia para não ficarem queimadas.”.

“Uma vez, eu fui fazer uma entrevista na Avenida Amaral Peixoto e o homem disse pra mim: ‘deixa a ficha mas não deixa a foto’, porque a sócia dele não aceitava preto trabalhando na firma. Não deu outra, fui chamada, o moço tinha me adorado, me ligaram dizendo que eu tinha sido selecionada. No dia seguinte, eu fui lá. Quando a mulher me viu, não sabia o que fazer, ficou super sem graça, enrolou, enrolou e disse que, infelizmente, já tinha arrumado outra pessoa, mas na primeira oportunidade me chamava. Tá bom, nunca mais.”.

### **Conclusão**

Os depoimentos colhidos junto aos jovens entrevistados permitem estabelecer um olhar sobre a educação que extrapola os limites do próprio conceito, na medida que situa quem é esse jovem e quais as suas perspectivas para enfrentar a vida em todas as suas dimensões numa sociedade moderna e complexa. Torna-se fácil entender a citação de Bourdieu: os 30 jovens aqui presentes mostraram-se, em muitos momentos, extremamente maduros, assumindo tarefas identificadas como características da “vida adulta” antes mesmo de completarem 15 anos de idade: trabalham fora, cuidam de irmãos menores, lavam e passam suas roupas, trazem dinheiro para completar a renda familiar e, em alguns casos, são os únicos provedores dessa renda.

Essa juventude não é um dado. É, antes de tudo, uma construção social. Os jovens aqui presentes contrariam alguns dos estereótipos a eles atribuídos: a irresponsabilidade, a impetuosidade desmedida, a violência, o desapego aos valores familiares. Exibem, isto sim, um caráter construído a partir das necessidades que regem seu cotidiano, um cotidiano que lhes impõe assumir

imensas responsabilidades e tarefas, o que fazem, entretanto, sem perder a alegria e a esperança, “vencendo as misérias do cotidiano e arrancando alegrias ao futuro” ( Maiakovski).

Em termos gerais, os participantes muitas apresentam semelhanças. Suas diferenças residem mais nas atitudes do que nas opiniões que manifestam. A maioria se mostrou bastante descrente e revoltada com a realidade, não utilizando meias palavras para demonstrá-lo.

A questão da escolaridade é bastante problemática. Percebe-se que os jovens empobrecidos estão totalmente vulneráveis a projetos de qualidade bastante duvidosa, como os relacionados à aceleração da aprendizagem, entre outros, tanto nas esferas do sistema público, como na sociedade civil. Muitos declararam já ter participado de projetos aligeirados, sem certificação, o que acaba reforçando estereótipos negativos sobre a área e sobre eles próprios.

O Ensino Regular Noturno e os Cursos Supletivos, áreas do universo da Educação de Jovens e Adultos, que vivem em extremo estado de exclusão, além de terem ampliadas suas ofertas, devem passar por um urgente processo de revalorização, no sentido de se oferecer aos seus alunos - em sua grande maioria jovens como os aqui abordados - uma educação mais atraente e de melhor qualidade. A situação da escola noturna é crítica. Em matéria publicada em 3 de outubro último, sob o título “Violência ronda o ensino noturno”, o jornal O Globo relata que a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro fechou 50 escolas noturnas, que contam com laboratórios, oficinas, acervos literários e material de informática, devido a casos de assalto, roubo e furto.

Vale lembrar que, apesar das duras críticas feitas ao modelo escolar, os jovens defendem a escola pública e tentam encontrar justificativas para o seu fracasso, apostando na sua importância e valorização. Afinal, desvalorizar a “sua escola” significa desvalorizar a sua própria “qualidade social”.

Em todos os grupos, o peso dos temas educação, desemprego e empregabilidade foi dado pelos próprios participantes, e não pelo entrevistador. Na quase totalidade das famílias representadas, apenas um membro - quase sempre a mulher - encontra-se trabalhando em alguma atividade reconhecida como “emprego”, ainda que esta, muitas vezes, apresente caráter temporário ou irregular.

É recorrente os jovens assumirem uma posição de culpa face aos insucessos e fracassos experimentados no mundo da escola e do trabalho, como se tal situação tivesse um cunho individual, e não uma relação direta com a condição social marcada pela *exclusão*. Também é comum, que essa juventude identifique as idéias de “sonhos” e de “futuro” com uma difícil possibilidade de emprego, sem relacionar tal dificuldade aos aspectos de ordem política envolvidos em um possível enfrentamento da questão. Citando Castel (1997), “é no coração da condição salarial que aparecem as fissuras que são responsáveis pela *“exclusão”*; é sobretudo sobre as regulações de trabalho e dos sistemas de proteção ligados ao trabalho que seria preciso intervir para *“lutar contra a exclusão”*. No caso da educação, precisamos pensar estratégias de escolarização para a produção de oportunidades concretas, influenciando as políticas públicas destinadas especificamente a esses jovens. Não deve ser por acaso que uma das palavras mais recorrentes no discurso dos jovens entrevistados é *oportunidade*.

### **Bibliografia**

Bourdieu, P. - Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_ - Contrafogos, táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

Brasil –Jovens no Brasil:diagnóstico nacional. Brasília: Ministério do Planejamento e Orçamento, CNPD,1997.

Brasil –Jovens Acontecendo na Trilha das políticas Públicas. Brasília: Ministério do planejamento e Orçamento, CNPD, 1998.

Brusa, A. - Hacia una Educación sin Exclusiones para y Con Los Jóvenes. Documento apresentado no grupo temático Educação e Juventude, do Encontro Preparatório à reunião dos países do Mercosul, Estratégia regional de continuidade da V Confitea, Curitiba, outubro de 1998.

Castel, R. -As armadilhas da *exclusão*. In: vários. Desigualdade e a questão social. São Paulo, Educ, 1997.

Castells, M. - citado em Abramovay, M.; Waiselfisz, J.; Andrade, C. C.; Rua, M. G. - Guangues, galeras, chegados e rappers. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

Chauí, M. - Ideologia neoliberal e universidade. Conferência proferida na USP, São Paulo, abril de 1997.(xerox)

Melucci - Juventude, Tempo e movimento sociais. In: Revista Brasileira de Educação, nº 5 e 6, São Paulo, ANPED, 1997.

Santos, B. de S. - Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo, Cortez, 1995.

Spósito, M. P. Educação e Juventude, documento básico do grupo temático Educação e Juventude, do Encontro Preparatório à reunião dos países do Mercosul, Estratégia regional de continuidade da V Confitea, Curitiba, outubro de 1998.

Zanten, Agnès van - Comparer pour comprendre: Globalisation, réinterprétations nationales et recontextualisations locales des politiques éducatives neoliberales. In xerox, 1999.